



ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: práticas e conceitos

Jéssica Oliveira da Silva Teodoro*

Marion Machado Cunha**

RESUMO

Este artigo trata da Orientação Sexual nos anos iniciais do ensino Fundamental. Em sua elaboração utilizou-se a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com professores e alunos da Escola Municipal Belo Ramo. O objetivo foi analisar as relações pedagógicas que se produzem no espaço escolar quanto à sexualidade. Alguns autores embasados na pesquisa: Paulo Freire e César Aparecido Nunes. Na conclusão da pesquisa observou-se que abordar a sexualidade humana como uma intervenção intencional, supostamente possibilita a construção de novos conceitos e reestruturação dos padrões sociais, no entanto está silenciada na ação pedagógica escolar.

Palavras-chave: Orientação Sexual. Ensino Fundamental. Professores. Alunos.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta pesquisar como os educadores da Escola Municipal de Educação Básica Belo Ramo da cidade de Sinop percebe a importância de se trabalhar à orientação sexual nas escolas, e como a escola e professores incluem as discussões da sexualidade no seu projeto pedagógico.

A sexualidade infantil é um processo iniciado na infância que medeia o sujeito por toda vida e por isso discutir este tema na escola é fundamental. Esta pesquisa se propôs apreender as relações pedagógicas que se produzem no espaço escolar quanto a esse

* Graduanda de Pedagogia. Pertence ao Grupo de Estudos do Professor Dr. Marion Machado Cunha. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID - CAPES/MEC).

** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

fenômeno específico e problematizar sob que condições a sexualidade é concebida e quais são as bases organizativas das compreensões de professores e alunos. De uma forma geral, se a escola enfrenta dificuldade de abordar o tema sexualidade na sala de aula.

Perceber como se desenvolve o trabalho pedagógico, centrado na orientação sexual, dentro da sala de aula, observando as metodologias em que os professores usam para trabalhar este tema, nos permite conhecer suas dificuldades e estratégias utilizadas com crianças na faixa etária de seis a sete anos de idade.

A sexualidade infantil é um tema que vem se destacando muito nestes últimos tempos. A sexualidade não se resume só no conhecimento das funções dos órgãos genitais e nem pode ser confundida como um ato sexual. A sexualidade implica na dimensão físico-afetiva e psíquica do sujeito no processo de suas relações humanas. O homem é produto e produtor de dimensão humana, efetivando-se em suas relações materiais concretas constituídas de todos os aspectos que lhe demonstram afeto, prazer, entre outras emoções. É que o diferencia de outros animais. A sexualidade infantil refere-se ao sentimento, comportamento e desenvolvimento sexual das crianças. Já a sexualidade é um processo que começa com o nascimento e se desenvolve por toda a vida.

A orientação sexual se inicia na família onde a criança está inserida. Mas o desconhecimento, por questões culturais de uma sociedade repressora, conjugadas com desconhecimento sobre a sexualidade, impõe muitas dificuldades. Muitos pais preferem nem tocar neste assunto por achar constrangedor conversar sobre sexo com seus filhos, seja pela educação recebida de seus pais, seja pela repressão ou por não saberem como abordar este assunto. Assim, os filhos na maioria das vezes, ficam sem respostas para suas dúvidas, gerando conflitos ou acidentes inesperados por não terem informações claras e precisas.

É na escola que a orientação sexual acaba sendo trabalhada, fazendo-a se constituir, pelas relações culturais, a disseminadora do conhecimento do que se constitui a sexualidade. Forçando a escola atuar de forma integrada com a comunidade e com os serviços públicos de saúde. Disso sobressai um papel estruturante da escola na vida e orientação sexual dos alunos. É importante que os alunos conheçam a construção de suas sexualidades, de tal forma que possam apreender sua relação humana na especificidade da própria sexualidade. Evidentemente que esse conhecimento infere sobre os métodos contraceptivos, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

As intervenções pedagógicas da Orientação Sexual na escola podem favorecer a reflexão sobre a própria sexualidade, desenvolvendo os temas polêmicos e favorecendo ampla liberdade de expressão em ambiente acolhedor, vindo promover bem estar.

Após a realização da pesquisa e as análises dos dados foi possível perceber que as professoras acham importante se trabalhar este assunto em sala de aula mais ainda encontram dificuldades, cada professora utiliza métodos diferentes para se trabalhar este assunto em sala com seus alunos. Geralmente se é trabalhado quando surge algum problema na escola envolvendo a sexualidade. Eis um papel de fragilidade que se apresenta a escola porque, em função de ser ela o único momento de formulação de conhecimento sobre a orientação sexual, associado à diversidade de concepções presentes no trabalho pedagógico dos professores, acaba-se imprimindo a orientação sexual como dimensão periférica em relação às demais atividades pedagógicas desenvolvidas na ambiência escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A sexualidade, segundo Nunes (1987, p.23), “se encontra em volta de um feixe de valores morais, determinando e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais”. A sexualidade é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separados de outros aspectos da vida e vai muito além do que apenas conhecimento dos órgãos genitais e nem pode ser confundida com o ato de fazer sexo o mesmo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo o outro para a reprodução.

Quando tratamos da constituição homem e mulher uma das primeiras apreensões a ser realizadas perpassa pelas distinções entre o macho e a fêmea. No entanto, essa primeira forma de diferenciar homem e mulher não constitui como base suficiente compreender as relações econômicas, sociais e culturais produzidas pelos homens e mulheres ao longo de suas histórias (seres genéricos humanos). Do ponto de vistas das relações históricas, há a necessidade de apreender o gênero masculino e gênero feminino como que mergulhados em suas historicidades e formas sociais, ao mesmo tempo multifacetados e não linear. A literatura, de forma geral, aponta para o gênero como um conceito de combinações culturais e históricas, para situar e distinguir o masculino e o feminino, na diferenciação entre o mundo do homem e o mundo da mulher: o vestuário, a fala, os gestos, os interesses, as atitudes, o comportamento, os valores, as intencionalidades, práticas sociais e culturais singulares a cada ser humano em seus contextos sociais e de grupo.

Desde que nascemos já somos seres sexualizados, e em nenhum momento podemos encarar as crianças como seres assexuados.

A Sexualidade é uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana. No mundo atual estamos continuamente assediados por um “ambiente sexual” que se manifesta nos mecanismos de sustentação da sociedade capitalista ocidental. (NUNES, 1987, p. 51).

A orientação sexual se inicia ao nascer para todo ser humano, tendo na família as primeiras práticas culturais para sua compreensão e atitudes. No entanto, a longa tradição histórica repressora a sexualidade, herdada principalmente dos valores do período medieval da Igreja Católica, associada à sociedade capitalista, de inscrição machista e dominadora, a família organiza-se ainda na atualidade como foco de resistência a promover um diálogo amplo sobre a sexualidade, fazendo da orientação sexual, um tema de preconceitos e recheada de tabu e repressões.

A escola acaba sendo tensionada para dar respostas ao desconhecimento herdado pelo passado e pela repressão atual da sociedade capitalista machista. A ela caberia, em princípio, ser a disseminadora da orientação sexual. E, assim, subsidiar a discussão que explicitasse a dimensão da realidade, levando a esclarecer as dúvidas de seus alunos para elevar a uma reflexão necessária a vida.

Segundo Nunes (1987, p.30), “a escola” caberia “oferecer recursos que possam facilitar o trabalho pedagógico do professor na hora de elaboração de suas aulas”. Deveria ter-se amplo debate e liberdade pedagógica, privilegiando de forma constante a centralidade da orientação sexual.

É na escola que as crianças e os adolescentes passam a metade de suas vidas e é neste tempo que a sexualidade das crianças se manifesta de forma mais frequente em perguntas e curiosidades, mas, às vezes, o que acontece na escola é de ordem também de reprodução do universo da sociedade. Ou seja, se potencializa uma sensibilidade intencional sobre sexualidade. E, por consequência, fazendo emergir uma série de curiosidade e inquietações. Mas é nesta mesma instituição que, muitas vezes, que a dimensão da sexualidade e a do próprio sexo é silenciada. Na escola, as crianças têm o seu contato com a sexualidade a partir das próprias relações promovidas pelo desenvolvimento infanto-juvenil, manifestando-se nas conversas, nas brincadeiras e nos grupos de amigos ou até mesmo em momentos de paquera. Tratar da orientação sexual corresponde a uma tarefa pedagógica da escola:

A escola é para a grande massa de jovens, a única chance de informações seguras, sadias e saudáveis. A família e outros setores da sociedade, dificilmente poderão atendê-los em grande escala. Não chegaremos a um atendimento tão maciço por outra instituição. É preciso ir aos jovens onde eles estão concentrados. (GUIMARÃES, 1995 p.79).

Não podemos ignorar o fato de que as crianças aprendem com o corpo e a escola deve fornecer modos para que elas se desenvolvam. Mas o que vemos na maioria das vezes é a escola reprimindo o aluno para não se expressar.

A família das crianças também tem um papel importante no que diz respeito à orientação sexual, mas o que acontece é que muitos pais não sentem a vontade para falar de sexo com seus filhos, talvez seja pela educação que receberam de seus pais ou mesmo por achar constrangedor tocar neste assunto.

Cada vez mais a sexualidade se vê tratada como objeto, quer no submundo social, nas rodas de amigos, geralmente tão desinformadas quanto enquadrados no perfil de ignorância, proibição e temor que o sistema continuamente cria e educa. (NUNES, 1987, p. 11).

O que a família não fala acaba sendo influenciada pela mídia. Isso faz com que as crianças e os adolescentes acabem recebendo informações de pessoas sem conhecimento com amigos, irmãos mais velhos e tios, o que leva muitos adolescentes a fazerem coisas precipitadamente.

3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa utilizamos uma abordagem qualitativa. Utilizamos ainda do estudo de caso, este corresponde a uma tipologia de pesquisa qualitativa de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente (TRIVIÑOS, 1987). Os sujeitos da pesquisa foram uma coordenadora pedagógica e três professores dos anos iniciais do ensino fundamental. A escola escolhida é a escola municipal de educação básica Belo Ramo, localizada no bairro São Cristóvão Km 825 BR 163, no município de Sinop, Mato Grosso.

4 PESQUISA DE CAMPO

Para a realização deste trabalho, foram utilizados dois tipos de pesquisa: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Para realização deste estudo, elaboraremos um roteiro no intuito de direcionar as ações, evitando possíveis omissões ou esquecimentos. Foram entrevistadas três professoras dos anos iniciais do ensino fundamental e uma coordenadora pedagógica. A pesquisa foi focada na seguinte questão quais são as práticas produzidas pelos professores quanto à sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental; E qual a importância de se trabalhar este assunto em sala? Através dos dados obtidos foram realizadas as análises dos dados.

5 ANÁLISES DOS DADOS

As entrevistadas foram: a coordenadora pedagógica e professoras do primeiro ano do ensino fundamental. A coordenadora pedagógica será tratada como coordenadora e as professoras como professora A, professora B e professora C fazendo uso a suas atribuições.

Iniciamos a entrevista com a coordenadora a primeira pergunta abordava a formação da educadora e o tempo que trabalhava como coordenadora, observamos que a coordenadora já trabalha a vinte anos na educação um período considerável e pode se perceber que a mesma já tem bastante experiência e sem mencionar as relações com o aprendizado que esse tempo lhe propôs, segundo Paulo Freire (1996, p. 23-24):

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender [...].

Para que fosse possível esse ensinar foi necessário que houvesse um aprendizado, pois não teria como ensinar se ela não tivesse aprendido, quando ocorre o aprendizado fica mais fácil contribuir no ambiente pedagógico.

Perguntamos ainda se a escola trabalha os temas transversais com a orientação sexual nos anos iniciais, ela nos respondeu que para as turmas de pré-escolas, 1ª, 2ª e 3ª ano do Ensino Fundamental a orientação é de trabalhar conforme a curiosidade dos alunos, e de forma a não falar aquilo que os alunos não dão conta ainda. Com o 4ª, 5ª e 6ª ano, os conteúdos de ciências já contemplam a educação sexual como parte integrante da disciplina a linguagem precisa ser adequada, se bem que os alunos já sabem muito.

Evidentemente que a Escola segue a organização curricular proposta pelos PCNs. Entretanto, a dimensão pedagógica fica limitada a formalidade da orientação sexual, já que a ação pedagógica fica situada no limite da necessidade formal curricular e dependente das curiosidades explicitadas pelos alunos. A ação pedagógica que deveria acontecer na articulação entre a necessidade de formação e interesses efetivos dos alunos e pelo conjunto apreendido nas diversas relações de coletividade do qual o alunos faz parte, faz desta Escola impor também a prática do silêncio sobre orientação sexual e a impedir de empreender novas concepções e práticas culturais. A dificuldade inicial da formalidade da escola, como da maioria, encontra-se na transversalidade que a orientação sexual é pensada em termos do

currículo (NUNES; SILVA, 2000): um tema transversal, que deveria mergulhar como formação integral do indivíduo, assume a perspectiva de esporadicidade, dependente da curiosidade do aluno a ser explicitada, que ultrapassa o campo formal do currículo e de suas orientações disciplinares e de conteúdo. A questão é que, como em qualquer escola, nos tempos de recreio, dos corredores, dos banheiros, dos grupos de amigos, por exemplo, os alunos são sujeitos que estão se constituindo, permanentemente, em intencionalidades e em práticas de sexualidade.

Em relação à orientação sexual perguntamos à Coordenadora como os professores reagem à proposta de trabalhar a orientação sexual em sala de aula ela nos respondeu que reagem com bastante receio e alguns acabam nem trabalhando, por insegurança mesmo.

Ficam bem claras nesta resposta as dificuldades em que os professores tem de trabalhar um tema tão polêmico, como discorre Silva (2002), essa dificuldade apontada pode ser devido a formação do educador:

A formação do educador sexual é básica no sentido de preparar as pessoas em nível de conhecimento, metodologia e postura para trabalharem na escola com um tema que é ainda polêmico na nossa sociedade. As diversas instituições públicas e particulares, que vêm desenvolvendo processos de educação sexual, estão propondo interessantes e diferenciados programas de formação de educadores (SILVA, 2002, p. 26).

Perguntamos ainda à Coordenadora de que forma a escola acompanha e colabora com o trabalho docente ao discutir essa temática? Ela nos respondeu que acompanha vendo o planejamento do professor e orientando para aquilo que ele considera mais eficaz na discussão da temática e também apoiando no que precisar de material ou pessoas de fora ou mesmo chamar os pais. Mas fica difícil um acompanhamento maior, pois os planejamentos vão acontecendo devido à necessidade e a curiosidade do aluno. E alguns professores não se sentem muito a vontade para tratar esse assunto com mais clareza e preferem ficar na naquelas aulas básicas.

Percebemos pela fala da Coordenadora que as professoras recorrem à coordenação para um auxílio na elaboração de suas aulas e que elas não se sentem a vontade para realizar suas aulas com mais clareza devido à falta de conhecimento ou por falta de informações sobre a temática.

Iniciamos a entrevista com as professoras dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Belo Ramo. Perguntamos as entrevistadas qual a sua formação e quanto tempo trabalha na educação, observamos que todas elas têm um bom tempo de formação e as mesmas são formadas em pedagogia e possuem especialização em psicopedagogia.

Perguntamos as entrevistas qual a orientação da escola para se trabalhar os temas transversais propostos pelos PCNs, podemos perceber pela fala das entrevistadas que a escola não possui uma proposta que venha contemplar a orientação sexual na escola. Isso fica a cargo dos professores se houver algum interesse por parte dos alunos aí se trabalha o tema caso contrário fica sem se trabalhar. Está-se diante de um conflito necessário: que orientação sexual se produz de fato na escola, quando a escola desconhece as dimensões vivas e efetivas de seus alunos?

6 CONCLUSÃO

Abordar a sexualidade humana como uma intervenção intencional, supostamente possibilita a construção de novos conceitos e a reestruturação dos padrões sociais. Significa analisar e refletir sobre a realidade formadora das instituições sociais, interferindo no atual modelo educacional, em que muitas situações são regulador, repressivo e com poucas amplitudes no que se refere à informação e à formação do ser social.

Compreendemos que a educação sexual precisa ser discutida para uma apropriação responsável do ser no mundo (FREIRE, 1996), considerando o sujeito como um ser de vivências, desejos e afetos; contribuindo, assim, com a superação do imobilismo e a inconsciência reproduzida na mentalidade e expressão da sexualidade das crianças e jovens. É preciso repensá-la enquanto formação de homens e mulheres em uma perspectiva do vivido, de afetos e entendimentos, de sua sexualidade.

Esperamos com este estudo que educadores e pais compreendam que não é possível abordar a sexualidade apenas com boas intenções, embasadas no senso comum, e muitos nas escolas. O presente trabalho buscará ser um convite à pesquisa e à compreensão da sexualidade no ambiente educacional escolar.

Sabe-se que é necessário refletir sobre muitas coisas que se aprende com as primeiras relações sociais, para começar a aprender novamente, pois o homem assim como Paulo Freire discorre, é um ser inconcluso em permanente processo de transformação. Na busca por novos conhecimentos é que se subsidia a reflexão existente no cotidiano intuito de estimular novas ações no processo de educação sexual existente no cotidiano da humanidade.

Esta pesquisa realizada é apenas uma amostra, pequena em seu campo de pesquisa, mas que com certeza se repete em muitos espaços escolares.

**ORIENTAZIONE SESSUALE NEGLI ANNI INIZIALI DELL'INSEGNO
FONDAMENTALE:
pratiche e concetti**

RIASSUNTO¹

Questo articolo tratta dell'Orientazione Sessuale negli anni iniziali dell'insegno fondamentale. In sua elaborazione si ha utilizzato a ricerca bibliografica e a ricerca di campo con professori e alunni dell'Insegno Fondamentale della Scuola Municipale Belo Ramo. L'obiettivo è stato analizzare le relazioni pedagogiche che se producono nello spazio scolare quanto a sessualità. Alcuni autori imbasati nella ricerca: Paulo Freire e César Aparecido Nunes. Nella conclusione della ricerca si ha osservato che abordare la sessualità umana come un'intervento intenzionale, suppostamente torna possibile la costruzione di nuovi concetti e la riforma dei padroni sociali.

Parole-chiave: Orientazione Sessuale. Insegno Fondamentale. Professori. Alunni.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade I: a vontade de saber**. 10. ed. Rio de Janeiro: edição Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário a pratica educativa**. 37. ed. São Paulo:Paz e Terra,1996.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1987.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

¹ Tradução realizada pela Jéssica Martins Maraccini (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).